

## ESPIRITUALIDADE

Nós sabemos que “A.A. não está ligado a seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia, não apóia nem combate qualquer causa”. Sabemos, também, que é muito comum em A.A. ouvir-se frases tais como: “A.A. é uma irmandade espiritual”; “O programa de A.A. é espiritual”; “Há muita espiritualidade em A.A.”. “É na sacola que o espiritual e o material se misturam”. “Alcoolismo é uma doença física, mental e espiritual”, etc, etc. No entanto, quando se tenta abordar um assunto relacionado com os espíritos é comum companheiros, fundamentados no preâmbulo explicativo do que é a irmandade de A.A., se insurgirem sob a alegação de que “A irmandade de A.A. não tem religião pré-fixada”; “A.A. não trata de assuntos alheios a ela”; “Em A.A. só se trata de alcoolismo”. Acontece que não se ode considerar nada como espiritual se não for admitida a existência dos espíritos e, conseqüentemente, do mundo deles.

Diante desse verdade incontestável, o próprio Bill, que era agnóstico, foi forçado a admitir a existência dos espíritos e do mundo deles, daí ter afirmado que: *”Para nós o Reino dos Espíritos é amplo, espaçoso, abrangente. Jamais exclui ou afasta aqueles que o procuram com honestidade. Está aberto, acreditamos, para todas as pessoas”* (Alcoólicos Anônimos – 4ª edição – Pg. 75).

Creio que Bill deve ter lucubrado bastante e refletido muito para chegar a essa conclusão porquanto, sendo agnóstico, certamente relutava em admitir a existência dos espíritos e do mundo espiritual deles. Lamentavelmente a maioria dos membros de A.A. que não é agnóstica nem atéia, mas cristã, esquece (ou não sabe) que Jesus, ao expirar pregado na cruz do calvários, exclamou em voz alta: “Pai, em tuas mãos entrego MEU ESPÍRITO” (Lucas 23:46 – Bíblia Alfalit – 2002).

Bill, no entanto, teve o cuidado de não entrar claramente no mérito dessa questão nos livros que escreveu. Sabia que se o fizesse tornaria sectária a irmandade que fundou. Sendo sectária deixaria de atender ao objetivo altruísta dela, isto é, dar a todo e qualquer doente alcoólico, independentemente do que ele seja ou faça, o direito de ser membro dela para conseguir a graça que ele conseguiu. Para tanto estabeleceu como única condição para ser membro de A.A. o desejo do(a) alcoólico(a) de parar de ingerir bebidas alcoólicas. No entanto, quem for capaz de ler nas entrelinhas do que ele escreveu constatará, nelas, seu desejo de que todos os membros de A.A. se espiritualizem como ele se espiritualizou, que acreditem não só na existência de Deus, mas também na dos espíritos e do mundo espiritual deles como ele passou a acreditar, daí a afirmação que fez.

Minha intenção com este trabalho não é a de doutrinar ninguém, mas dar aos companheiros e companheiras de A.A. subsídios para uma lucubração meticulosa sobre o que seja espiritualidade. Mas como abordar um tema como a espiritualidade sem que seja admitida a existência dos espíritos? Impossível! Sem a existência deles e do mundo que habitam não pode haver espiritualidade, nem espiritismo, nem nada que se relacione com os espíritos. Sendo assim, como nós estamos tratando de espiritualidade e não de espiritismo, duas coisas completamente diferentes, analisemos a questão dos espíritos e da espiritualidade para melhor compreensão do assunto.

A grosso modo pode se dizer que espírito é um ser ou ente imaterial possuidor de qualidades que tanto podem ser boas como más. As qualidades boas são chamadas de virtudes ou positivas e, as más, de defeitos de caráter ou negativas. Já espiritualidade é um substantivo derivado de espírito. Exprime ou expressa à qualidade ou caráter do substantivo primitivo, isto é, do espírito. Sendo assim, creio não ser difícil concluir que há espíritos dotados das mais diversas espiritualidades. Elas variam em função da natureza espiritual ou caráter deles. Vejamos alguns exemplos para melhor entendimento do que foi explicado: Se um espírito é fraterno, sua espiritualidade é fraterna. Se é magnânimo, sua espiritualidade é generosa ou magnânima. Já se um espírito é orgulhoso sua espiritualidade é orgulhosa. Se for vaidoso, sua espiritualidade é vaidosa. Se for agressivo sua espiritualidade é agressiva, hostil, ofensiva.

Penso que esses exemplos sejam suficientes para se entender que a espiritualidade caracteriza a natureza ou qualidade espiritual dos espíritos. São muitas, mas acho que não há necessidade de citá-las todas. Como já afirmei, minha intenção com este trabalho não é a de doutrinar ninguém. No entanto, para que seja possível entender o que seja reformulação e espiritualização dos membros de A.A. faz-se necessário admitir não só a existência dos espíritos, mas também o fato de que nós, como pessoas, possuímos um espírito encarnado em nosso corpo. Que é ele quem dirige as ações praticadas por nós. Sendo assim podemos constatar se uma pessoa possui espiritualidade boa ou má através dos atos que ela pratica. Quando nós dizemos que uma pessoa possui bom caráter, implicitamente estamos afirmando que sua espiritualidade é boa, isto é, seu espírito possui virtudes, logo sua qualidade ou natureza é virtuosa. E isso vale para todas as pessoas.

Neste ponto é possível que surja uma indagação pertinente: Uma pessoa que provoca um ato condenável pode possuir alguma espiritualidade boa? A primeira vista a resposta óbvia é não. No entanto essa questão é relativa. Tudo vai depender do julgamento que se fizer dos seus atos. Como julgar, por exemplo, um chefe de família, desempregado, que num momento de desespero rouba para alimentar seus filhos? De um marginal traficante que doa o fruto do seu tráfico a um orfanato que cuida de crianças carentes? De um revolucionário que expõe sua

vida na luta encetada pelo bem-estar do seu povo, muitas vezes matando seus irmãos e, inclusive, morrendo por esta causa? De uma mulher que se prostitui para gastar o dinheiro que ganha com o tratamento da doença de sua mãe?

Creio que os(as) companheiros(as), diante de tudo o que vimos, estejam em condições de lucubrarem sobre os exemplos dados para concluírem se o caráter dos espíritos dessas pessoas é bom ou mau. É evidente que se for bom elas possuem virtudes. Nesse caso, quais são essas virtudes? Se for mau, qual ou quais instintos foram deturpados? Julgo essa lucubração um ótimo exercício não só para o crescimento espiritual, ou seja, para aquisição de espiritualidade como, também, desenvolver a capacidade de avaliação do nosso caráter como o das demais pessoas, observando os atos praticados por nós e por elas.

Admitida a existência dos espíritos, a conclusão é óbvia: Eles são criados por Deus. Mas Deus, sendo soberanamente justo, jamais criou ou criará um espírito sequer dotado de virtudes ou defeitos de caráter. O que Ele faz, dada a Sua justiça consubstanciada no amor, é criá-los simples e ignorantes; dotados apenas de inteligência, instintos e livre-arbítrio, sem espiritualidade de espécie alguma.

É claro que Bill sabia que Deus não é culpado pelos defeitos de caráter de espírito algum, daí ter afirmado que *“Quase todo problema emocional grave pode ser considerado como um caso de instintos deturpados”* (Os Doze Passos e as Doze Tradições – 11ª edição – Pag. 36). Conclusão lógica a de Bill. É óbvio que se um espírito é criado com inteligência ele pode raciocinar. Raciocinando usa seu livre-arbítrio da forma que bem lhe convier na condução dos seus instintos. Do bom uso que fizer deles advirá à posse de espiritualidades virtuosas e, do mau uso ou deturpação deles, seus defeitos de caráter ou problemas emocionais graves, como Bill bem salientou. Neste ponto, se nós indagarmos: “Um defunto pode raciocinar, ter espiritualidade, isto é, ter virtudes ou defeitos de caráter? É claro que a resposta a essa indagação, por ser óbvia, só pode ser uma: Não. Mas, nesse caso, como explicar o fato das pessoas, antes de morrerem, possuírem espiritualidade, isto é, virtudes e defeitos de caráter se essas qualidades são apanágio dos espíritos? Lucubrar sobre essa questão é começar a entrar no mundo amplo, espaçoso e abrangente dos espíritos, sabiamente citado por Bill. Se isso for feito sem preconceito chegaremos a conclusão lógica de que essas pessoa, antes de morrerem, possuíam um espírito encarnado em seus corpos.

É aqui que se insere a grandiosidade e sublimidade do programa de A.A.. Com a prática honesta e destemida dele qualquer alcoólico(a) libertar-se-á dos seus defeitos de caráter e adquirirá espiritualidades virtuosas. Com essa reformulação e espiritualização ele não estará curado, mas recuperado e livre da necessidade de voltar a reencarnar como alcoólico por não ter se libertado do

alcoolismo na encarnação a que foi submetido. Aqueles que não conseguirem realizar essa verdadeira proeza espiritual, por serem desonestos, terão que voltar a encarnar como alcoólicos tantas vezes quantas se fizerem necessárias para que consigam realizá-la. É a lei do karma, do retorno ou de causa e efeito a que todos os espíritos estão subordinados, não só os alcoólicos. Essa reencarnação pode se dar em qualquer planeta habitado do universo infinito, mesmo que não seja em corpos físicos iguais ou semelhantes aos nossos. Jesus testemunhou a existência desses planetas quando, sabendo que ia ser preso e morto, disse aos seus discípulos: *“Não se turbe o vosso coração. credes em Deus, credes também em mim há muitas moradas na casa de Meu Pai; se assim não fosse já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. depois que eu tenha ido e vos houver preparado o lugar voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejam.* (João 14:1-3).

Volto a afirmar que minha intenção com este trabalho não é a de doutrinar ninguém, mas como se trata de uma questão espiritual intimamente ligada ao programa de A.A. faz-se necessário esclarecer que abordei o assunto do ponto de vista da doutrina kardecista porquanto o que sei sobre tudo o que se relaciona com os espíritos e o mundo deles, bem como sobre o alcoolismo como doença e a causa ou razão pela qual apenas uma minoria das pessoas usuárias de bebidas alcoólicas (12%, segundo as estatísticas médicas especializadas) tornam-se alcoólicas contra a vontade delas, como foi o meu caso, aprendi na SEPE (Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas). E não só isso. Aprendi, também, o que precisava fazer para libertar-me do meu alcoolismo. Dada a coerência do que me foi ensinado admiti sua veracidade, fato que me levou a tornar-me adepto da doutrina kardecista, mas não espírita praticante dela. De nada adiantou, porém, o conhecimento que adquiri. Não me tornei membro da SEPE, abandonei-a, continuei bebendo e nunca mais voltei a ela, isso doze anos antes de ingressar em A.A.

Quando abandonei a SEPE ainda possuía minha casa, uma esposa adorável que fez de tudo para que eu parasse de beber, três filhas maravilhosas, automóvel e um negócio rendoso com empregados trabalhando para mim. Ao ingressar em A.A. a única coisa que possuía era um quarto na casa de minha irmã e cunhado que me acolheram e me sustentavam para que eu não dormisse na rua, embaixo de marquises, e mendigasse comida e dinheiro para beber cachaça.

Sei perfeitamente que em face dessa informação os(as) companheiros(as) por certo argumentarão, dizendo: “Por que esse companheiro não permaneceu na SEPE? Se tivesse permanecido nela e praticasse o que aprendeu teria se libertado do seu alcoolismo, não teria perdido tudo o que perdeu e chegado a mendicância, como ele chegou”.

É claro que esse é um argumento lógico, só que está fundamentado na materialidade. Como nós estamos tratando de questões espirituais eu esclareço o que aconteceu, fundamentado no que aprendi sobre elas: Todos os planetas desse universo infinito, habitados por espíritos encarnados em corpos, não necessariamente iguais ou semelhantes aos nossos, foram criados por Deus para que eles adquiram conhecimento nos campos material, moral e espiritual. A terra, segundo a classificação de Kardec, é um planeta de expiação e de provas para os espíritos quando encarnados em corpos humanos. Dentre eles há os que trazem do mundo espiritual uma missão a ser cumprida na terra. Para tanto, o que é óbvio, têm que estar preparados para cumpri-la a contento, segundo a vontade de Deus que a determinou. Foi o meu caso. A conclusão a que cheguei, depois de lucubrar bastante sobre o fato ao dar o 11º passo, foi a de que Deus atribuiu a mim a missão de esclarecer os companheiros e companheiras de A.A. não só a questão da espiritualidade em função do programa de A.A.. Mas como poderia realizá-la a contento sem estar preparado para que pudesse cumpri-la segundo a vontade d'Ele? Essa foi a razão pela qual admiti que Ele, a fim de me preparar, fez com que eu conhecesse a SEPE para que recebesse os ensinamentos que recebi sobre as questões espirituais, inclusive as relacionadas com o alcoolismo e a causa determinante dele que explica a razão porque nós somos alcoólicos. Fez com que eu a abandonasse; que sofresse as agruras que sofri; que fosse destruído como fui para que adquirisse a experiência que me faltava sobre as conseqüências danosas do alcoolismo nos campos material, moral e espiritual. Hoje, com mais de oitenta e nove anos de idade e com quase trinta e nove dedicados a Irmandade de A.A., principalmente no que tange a quinta tradição e ao décimo segundo passo, além dos serviços prestados a irmandade, tenho convicção absoluta de que cumpri, a contento, com a vontade d'Ele em relação a mim. Este trabalho que você está tomando conhecimento é parte da minha missão na terra nesta encarnação como alcoólico e membro dessa irmandade ímpar e maravilhosa que é Alcoólicos Anônimos!

Deixei de entrar em detalhes sobre essas questões espirituais, altamente polêmicas e controvertidas, porquanto este não é o objetivo deste trabalho. Fica a critério dos companheiros e companheiras, se desejarem, pesquisarem e questionarem o assunto caso desejem obter maior conhecimento sobre ele. Nesse sentido sugiro que façam uma reflexão honesta, destemida e sem preconceito sobre a afirmação de Bill de que *“O reino dos espíritos é amplo, espaçoso, abrangente. jamais exclui ou afasta aqueles que o procuram com honestidade. está aberto, acreditamos, para todas as pessoas.* (Fonte já citada. Creio que Com essa afirmação Bill objetivou nos dar a entender que se entrarmos nesse mundo nos espiritualizaremos e conseguiremos o que ele conseguiu.

Neste ponto surge uma indagação pertinente: “O que é preciso fazer para se conseguir o que Bill conseguiu?” Vejamos o que ele escreveu que responde convincentemente a essa indagação:

*Raramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho. Os que não se recuperam são pessoas que não conseguem ou não querem se entregar por completo a esse programa simples, em geral homens e mulheres que, por natureza, são incapazes de serem honestos consigo mesmos. Existem pessoas assim. Não é sua culpa, parecem ter nascido assim. São naturalmente incapazes de aceitar e desenvolver um modo de vida que requeira total honestidade. Suas chances são inferiores à média. (Alcoólicos Anônimos – Edição de 2004 – Página 87).*

Nós sabermos que é corriqueiro em A.A. a maioria dos companheiros e companheiras afirmarem em seus depoimentos à cabeceira da mesa que estão em recuperação. Tratando-se de companheiros(as) com poucas vinte e quatro horas de sobriedade contínua, que ainda não dispuseram de tempo suficiente para praticarem o programa de A.A., essa afirmação é compreensível e justificável. Mas o que dizer daqueles(as) que contam com dez, vinte e, muitas vezes, com muito mais anos de sobriedade contínua, tempo mais do que suficiente para se recuperarem, mas que continuam fazendo tal tipo de afirmação? Diante desse fato notório em A.A. cabe perguntar: Será que todos esses companheiros e companheiras são desonestos, segundo a afirmação de Bill?

Como o objetivo deste trabalho não é o de discorrer sobre o que seja recuperação em A.A., ou sobre as características inerentes a um a.a. recuperado, sugiro aos companheiros e companheiras que estejam no caso em apreço que pesquisem e questionem este assunto porquanto a literatura de A.A., lamentavelmente, não é clara quanto ao esclarecimento dele. É claro que muitos(as) desses(as) companheiros(as) são realmente desonestos, mas não representam a maioria; são exceção a regra. Para esses(as), como Bill bem acentuou, a chance de se recuperarem é menor do que a média e há, creio eu, aqueles(as) que nunca se recuperarão porquanto não lhes convém se reformularem e se espiritualizarem. Relutam em se afastarem dos seus velhos hábitos, Estão apegados demais aos prazeres que a vida material lhes oferece. Vou inserir aqui um trecho da literatura de A.A. que tem tudo a ver com a questão da recuperação em A.A.. Essa iniciativa é uma consequência da conclusão a que cheguei de que ele é uma verdadeira advertência feita por Bill a todos nós, membros de A.A., no sentido de nos ajudar no que diz respeito a nossa recuperação dessa doença nefasta e letal chamada alcoolismo.

*”Queremos frisar que qualquer alcoólico capaz de encarar seus problemas com honestidade pode – à luz da nossa experiência – se recuperar, sempre que não fechar sua mente a todos os conceitos*

*espirituais. Somente poderá ser derrotado por uma atitude de intolerância ou de negação beligerante.*

*Verificamos não haver necessidade de que ninguém tenha dificuldade com a espiritualidade do programa. A boa vontade, a honestidade e uma mente aberta são os elementos necessários à recuperação. E são indispensáveis.*

*Disse Herbert Spencer: “Há um princípio que é uma barreira a toda informação; que é uma refutação de qualquer argumento e que não pode deixar de manter um homem na ignorância perpétua: o princípio consiste em depreciar antes de investigar” (Alcoólicos Anônimos – 4ª edição – Páginas 211 e 212).*

A sublimidade do programa de A.A. consiste no fato de que, se praticado com fé, honestidade, aceitação e destemor qualquer alcoólico(a) que deseje abandonar as bebidas alcoólicas libertar-se-á dos seus defeitos de caráter e adquirirá espiritualidades virtuosas. Com essa reformulação e espiritualização seu espírito não estará curado, mas livre da necessidade de voltar a reencarnar como alcoólico por não ter se libertado do alcoolismo na encarnação a que foi submetido. Aqueles que não conseguirem realizar essa verdadeira proeza espiritual terão que voltar a encarnar como alcoólicos tantas vezes quantas se fizerem necessárias para que consigam realizá-la. É a lei do karma, do retorno ou de causa e efeito a que todos os espíritos estão subordinados, não só os alcoólicos. Essa reencarnação pode se dar em qualquer planeta habitado do universo infinito, mesmo que não seja em corpos físicos iguais ou semelhantes aos nossos. Jesus testificou a existência desses planetas quando, sabendo que ia ser preso e morto, disse aos seus discípulos: *“Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim há muitas moradas na casa de Meu Pai; se assim não fosse já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. depois que eu tenha ido e vos houver preparado o lugar voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejam”* (João 14:1-3).

É aqui que se impõe a necessidade de ser admitido o fenômeno da reencarnação dos espíritos. A não ser assim, como explicar o fato de uma pessoa nascer desonesta ou com qualquer outro defeito de caráter? É lógico que Deus não é o culpado desse fato, a não ser que se admita que Ele é injusto e discriminador o que seria uma verdadeira heresia! Então como explicar o fato de uma pessoa nascer desonesta? Só há uma explicação coerente para ele. Nós vimos que os espíritos são criados sem defeitos de caráter e de virtudes. Seus defeitos de caráter são criados por eles próprios quando, encarnados, deturpam seus instintos para tirarem proveitos matérias dessa deturpação. Neste caso, se a culpa de uma pessoa ser desonesta, como Bill acentuou, *“Não é sua culpa”*, cabe perguntar: Então a culpa é de quem? Só há uma resposta coerente para essa

indagação: Realmente a culpa não é da pessoa nesta encarnação, mas do seu espírito que adquiriu essa espiritualidade desonesta em outra vida quando, encarnado, deturpou seus instintos tornando-se desonesto para satisfazer seus desejos nocivos ao seu próximo.

É nesse processo reencarnatório dos espíritos que se resume a justiça transcendente e amorosa de Deus. Que mérito teria as pessoas se os seus espíritos fossem criados altruístas, sem depender de nenhum esforço para conseguirem essa espiritualidade virtuosa sob todos os aspectos? É lógico que nenhum! Já afirmei e volto a afirmar para que fique bem gravado na memória dos companheiros e companheiras: Se o programa de A.A. for praticado como Bill sugeriu e nós salientamos, qualquer alcoólico(a) libertar-se-á dos seus defeitos de caráter e adquirirá espiritualidades virtuosas. Com essa reformulação e espiritualização seu espírito não estará curado, mas recuperado e livre da necessidade de voltar a reencarnar como alcoólico por não ter se libertado do alcoolismo na encarnação a que foi submetido. Aqueles que não conseguirem realizar essa verdadeira proeza espiritual terão que voltar a encarnar como alcoólicos tantas vezes quantas se fizerem necessárias para que consigam realizá-la. É a lei do karma, do retorno ou de causa e efeito a que todos os espíritos estão subordinados, não só os alcoólicos. Essa reencarnação pode se dar em qualquer planeta habitado do universo infinito, mesmo que não seja em corpos físicos iguais ou semelhantes aos nossos. Jesus testemunhou a existência desses planetas quando, sabendo que ia ser preso e morto, disse aos seus discípulos: *“Não se turbe o vosso coração. credes em Deus, credes também em mim. Há muitas moradas na casa de Meu Pai; se assim não fosse já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. depois que eu tenha ido e vos houver preparado o lugar voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejam”*. (João 14:1-3).

O programa sublime de A.A. não se limita apenas aos seus membros. É de tal forma abrangente que ensejou a criação de várias irmandades fundamentadas nele para que seus membros, se o praticarem atendendo as sugestões de Bill, libertem-se das suas dependências específicas. Não foi sem razão que o Papa João XXIII afirmou que *“A Irmandade de Alcoólicos Anônimos é o milagre do século XX”*.

Espero e faço votos para que você, meu companheiro ou companheira, que tomou conhecimento deste trabalho desprezioso, possa fazer dele um guia para orientá-lo(a) no sentido de conseguir o que Bill conseguiu... E eu também, diga-se de passagem!

Nemezio F./São Gonçalo/RJ.



